

# Moratória ou falta de dinheiro?

No momento em que o Brasil consegue fechar um acordo de curto prazo para a renegociação de sua dívida externa, ressurgue a questão dos pagamentos efetuados pela Argentina. No entanto, é necessário observar algumas distinções entre a atitude do país vizinho e aquela assumida pelo Brasil em 20 de fevereiro.

É sabido que a Argentina enfrenta um quadro político complexo, onde se destaca a pressão dos peronistas contra a política econômica do presidente Raul Alfonsín. Dentre as medidas exigidas pelos peronistas, inclui-se a moratória. Ocorre que a suspensão de pagamentos determinada nesta semana pela Argentina não tem o mesmo estilo daquela adotada pelo Brasil. Há problemas de caixa, porque as reservas estão em um nível aparentemente bastante reduzido. Neste sentido, o que parece existir é uma dificuldade imediata de pagamentos.

Não se pode esquecer, contudo, que a Argentina assinou em agosto um amplo acordo de renegociação de sua dívida externa, com bancos privados e com o Fundo Monetário Internacional. Como é praxe nesses casos, há uma certa demora para que os recursos sejam efetivamente liberados, principalmente quando se trata de new money.

Não é a primeira vez que o atual

governo argentino suspende pagamentos externos por curto prazo. A rigor, são portanto três as determinantes: a situação de caixa, o quadro político doméstico e a necessidade de apressar a liberação dos recursos contratados na última renegociação. Nada impede, como se prevê, aliás, que os pagamentos sejam retomados a curto prazo.

Cabe observar que a Argentina possui uma longa tradição de acordos de renegociação. De 1957 a 1985, foram 14 ao todo, sendo que apenas três foram suspensos. Os demais foram basicamente cumpridos. Aparentemente, não foram suficientes para impedir que a economia continuasse, agora, a enfrentar graves problemas, quase que independentemente dos dois últimos choques administrados pelo governo. Estes obtiveram certo sucesso no combate à inflação, mas o fantasma de sua aceleração sempre está presente. E o país carece de investimentos e de uma profunda modernização de sua estrutura produtiva industrial. O capital que migrou não retornou e, ao que se sabe, essa quantia é assombrosa. Em suma, a Argentina não tem ainda as condições do reerguimento esperado, apesar de todos os seus esforços. E a moratória, após a negativa experiência brasileira, em nada contribuiria para melhorar essa situação.